

## Resenha

# China na Grande Guerra: a conquista da nova identidade internacional<sup>1</sup>

Paulo Afonso Brardo Duarte<sup>2</sup>

Muito se diz, debate e especula sobre a ascensão da China no xadrez do poder mundial. Superabundam os mitos, proliferam os comentários e a ideia de um gigante económico que tudo – ou quase tudo – compra, que tem crescido a um ritmo extraordinário e que se revela cada vez mais assertivo na cena internacional.

Luís Cunha, Doutorado em Relações Internacionais pelo ISCSP/ Universidade de Lisboa e investigador do Instituto do Oriente, ousa dar a conhecer na sua mais recente obra – *CHINA NA GRANDE GUERRA: A Conquista da Nova Identidade Internacional* – uma outra faceta, praticamente desconhecida, desta China que hoje dispõe de um poder e influência inegáveis na economia e política mundiais. Mas nem sempre foi assim. Com efeito, Luís Cunha descreve um longo caminho, feito de altos e baixos, de humilhações e de sofrimento – como atestam os célebres *Tratados Desiguais*, entre outros – impostos, curiosamente, pelas mesmas potências que hoje não prescindem (nem podem) do parceiro chinês na construção da nova ordem mundial, onde o poder se encontra disseminado e o momento unipolar findou.

Revisitando minuciosamente a *História*, o autor faz-nos viajar no tempo, por meio de uma linguagem carregada de simbolismo, realismo e imagética – que leva o leitor a sentir, quase como sendo seus, a dor, o esquecimento e a injustiça dos primórdios de uma pequena potência, como era a China de então, que aprendia à custa de amargos sabores o lado áspero e cruel dos meandros da diplomacia mundial. Uma diplomacia, em bom rigor, fiel à infidelidade subjacente à velha máxima Palmerstoniana de que ‘as nações não dispõem de amigos ou aliados permanentes, apenas de interesses permanentes’. Ora, o percurso de afirmação da China é uma história, justamente, de traição por aqueles que ela considerava ‘aliados’. Foi assim que, no contexto Primeira Grande Guerra Mundial, a China sentiu uma necessidade de se abrir ao mundo, de ousar fazer dela uma causa que, em boa verdade, lhe era praticamente alheia, esperando em troca dos soldados-trabalhadores que enviava para a retaguarda das linhas de combate, colher a simpatia e, acima de tudo, o reconhecimento de uma França, Inglaterra, ou mesmo Estados Unidos. Mas, afinal de contas, estas mesmas potências viriam a excluir, para surpresa da bem-intencionada China, Pequim do desenho do Pós-Guerra, mais concretamente, aniquilando o seu desejo de afirmação e projeção mundiais, mas também de por termo ao jugo colonial, que tão bem atesta o autor a propósito da fortuna atribulada da província de Shandong.

\* Recebido em: 26/02/2015.  
Aprovado em: 17/03/2015.

<sup>1</sup> CUNHA, Luís. *China na Grande Guerra: A Conquista da Nova Identidade Internacional*. Instituto Internacional de Macau: Lisboa. 231p.

<sup>2</sup> Doutorando em Relações Internacionais da Université Catholique de Louvain. Autor de *Metamorfozes no Poder: rumo à hegemonia do dragão?*  
Email: duartebrardo@gmail.com.

Após revisitar o contexto histórico do pré-guerra – não sem enumerar os episódios mais marcantes de um ponto de vista macro/mundial, como o caso do ‘mundo eurocêntrico’, da ‘geração de 1914’, ou do ‘verão negro’ que lançaria as sementes da guerra, ao mesmo tempo que analisa, a um nível micro/regional as peripécias asiáticas recheadas de tensão face a um Japão opressor, bem como face ao recrutamento de soldados-trabalhadores chineses por uma França ou Inglaterra – o autor entra propriamente nos meandros do conflito mundial. E, aqui, Luís Cunha traça um retrato extraordinário, apetrechado de frases que ficam no ouvido e pesam na consciência – do envolvimento do Império do Meio na Grande Guerra, onde os trabalhadores chineses se revelavam uma importante força de retaguarda dos franceses ou ingleses, pese embora fossem alvo de um tratamento, muitas vezes, diferenciado e imbuído de um misto de xenofobia e maus tratos por parte essencialmente dos britânicos, que apesar de tudo, lhes reconheciam mérito: “um chinês<sup>3</sup> equivale a quatro indianos” (CUNHA, 2014, p. 85).

Segue-se uma descrição do pós-guerra, no qual a China esperava ver recompensada, pelos aliados, o seu precioso e incansável apoio para-militar, que lhes permitia mobilizar mais recursos humanos para as linhas de combate. Mas aqui, a desilusão e frustração chinesas não poderiam ser maiores. Com efeito, os desígnios de uma China que havia ousado partir à conquista da sua identidade – sofrendo ao lado dos aliados os efeitos letais de uma Guerra, como tão bem atestam as lápides dos milhares de chineses que jazem em cemitérios europeus – caíram no logro. A nova ordem mundial, tal como havia sido esboçada em Versalhes, havia esquecido a fidelidade chinesa. Não obstante, como sublinha Luís Cunha, a honra chinesa saíra intacta, de cabeça erguida, como atestara a recusa da delegação chinesa em assinar um tratado que não a beneficiava. Curiosa e paradoxalmente, o pós-guerra já continha em si as sementes para um novo grande conflito que paulatinamente ia ganhando forma. Ao não salvaguardar a face dos vencidos, esta paz dos vencedores seria mera ilusão, muito em parte devido ao idealismo norte-americano. Woodrow Wilson seria, depois, fortemente criticado pela opinião pública norte-americana, consciente da injustiça que o desenho da nova ordem mundial – mais preocupado em evitar excluir o Japão desta – representava para a China.

Após caracterizar os dilemas do pós-guerra, o rescaldo de Versalhes e os desenvolvimentos e consequências daí decorrentes, a presente obra finda com um olhar sobre ‘A China Moderna nas Relações Internacionais’, como síntese lógica e acrescento ao que até então é descrito por Luís Cunha. Entre as várias lições que o Império do Meio certamente retirou da Primeira Grande Guerra, o autor destaca que “sem mecanismos de auto-regulação, a liberdade de escolha de um Estado fica limitada às ações de um outro Estado” (CUNHA, 2014, p. 158). Embora Versalhes tenha proporcionado uma amarga aprendizagem diplomática à China, não é possível, contudo, fazer-se tábua rasa do notável e ousado esforço chinês de busca de uma identidade.

Não obstante as feridas, humilhação e esquecimento a que a China foi votada, quis a História, quiçá de forma irónica, que fossem “os veteranos [alemães] da Grande Guerra a treinar as melhores tropas ao dispor do generalíssimo Chiang Kai Chek, que seriam usadas para fazer face aos japoneses” (CUNHA, 2014, p. 160). Mas mais curioso, espécie de ‘vingança do destino’, é o facto de como conclui o autor, se “em 1914-1922 era a China que almejava a inclusão no círculo das nações que faziam girar o globo”, atualmente “é o sistema internacional que tenta adaptar-se ao poderio chinês” (CUNHA, 2014, p. 161). Este reverso da medalha reflete, afinal, a velha máxima de Lavoisier, quando o pai da química moderna havia enunciado que ‘na Natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma’. Por analogia, a identidade e esforço da China em abrir-se ao mundo, não se perdeu... Pelo contrário, parece ser hoje, por fim, recompensado.

<sup>3</sup> O autor refere-se aqui, concretamente, à comparação da eficiência laboral entre um trabalhador indiano e um trabalhador chinês.